

CONHECIMENTO DOS ENFERMEIROS FRENTE AOS CUIDADOS RELACIONADOS À LESÕES CRÔNICAS E CURATIVOS

Giovana Arenhart Thewes¹

Michele Miguelis Morales Schmitt²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo identificar o conhecimento e as práticas adotadas por enfermeiros no cuidado a lesões crônicas e seus respectivos tratamentos. A pesquisa, de natureza quantitativa e transversal, foi realizada em três hospitais da região noroeste do Rio Grande do Sul, com a participação de 37 enfermeiros. Os dados foram coletados por meio de um questionário eletrônico e analisados estatisticamente. A investigação foi estruturada em quatro eixos principais: perfil dos profissionais, conhecimento sobre lesões crônicas, conhecimento sobre tratamentos e conhecimento prático acerca do manejo dessas condições. Os resultados evidenciaram que, embora o conhecimento geral seja considerado regular, há lacunas importantes, especialmente no uso de protocolos, ferramentas de avaliação e capacitação continuada. Constatou-se ainda que a prática cotidiana e o diálogo entre profissionais são as principais fontes de aprendizado, destacando a necessidade de aprimorar a educação continuada e os recursos disponíveis nas instituições.

Palavras-chave: Conhecimento, Enfermeiros, Lesões Crônicas

1. INTRODUÇÃO

Desde a Pré-História, os cuidados com a integridade da pele têm sido uma preocupação constante. Pesquisas apontam para a utilização de plantas e ervas, frequentemente em forma de pastas, que eram envolvidas em panos aquecidos para servirem como curativos. Alguns achados sobre a Mesopotâmia apontam o uso de leite para a lavagem de feridas, mel como uso de cobertura e lã de carneiros e folhas secas para protegerem a ferida (Declair; Pinheiro, 1998).

Candido (2001) descreve que no Egito, por volta de 1550 a.C., foram registrados usos de plantas como Aloe Vera, conhecida como babosa, e camomila, juntamente com substâncias

¹ Graduando em Enfermagem da Fundação Educacional Machado de Assis-FEMA, Santa Rosa/RS, giovanathewes@gmail.com

² Enfermeira Especialista, Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem da Fundação Educacional Machado de Assis-FEMA, Santa Rosa/RS, e-mail: michelemmschmitt@fema.com.br

como o mel, óleos vegetais, açúcar e alguns minerais, eram aplicados como tratamento de queimaduras e feridas, servindo como métodos de coberturas. Entre os anos 450-350 a.C. surgiram recomendações quanto a lavagem e manutenção de feridas, essas eram feitas com vinagre ou vinho, como espécie de esterilização, além de, quando apresentados tecidos necróticos, ocorriam os desbridamentos.

No período entre 1840 e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) era desenvolvida a Teoria Microbiológica das Doenças por Louis Pasteur (1822-1895). Essa teoria revolucionou o processo de tratamento de lesões pois, pela primeira vez, houve o entendimento de que ocorria um processo infeccioso em machucados que não cicatrizavam. E, a partir disso, começou-se o uso de agentes antissépticos com ação antimicrobiana a fim de prevenir possíveis contaminações e infecções (Costa; Gamba; Petri, 2016).

Na década de 1960 já havia uma aceitação quanto a importância dos cuidados com as lesões, que incluíam a criação de um ambiente úmido por meio de coberturas e a manutenção do controle da temperatura e do pH. Estudos da época comprovavam que estes cuidados reduziam a dor e aceleravam o processo da cicatrização (Mandelbaum; Mandelbaum, 2003).

Neste período, as escolas de enfermagem ainda instruíam que a manutenção dos curativos deveria ser realizada em meios secos, com o uso de antissépticos. No início dos anos de 1990 surgiram estudos mais relevantes sobre o tratamento tópico e meios de manter as feridas úmidas no Brasil. Essa nova era de cuidados revolucionou o mercado, pois agora era possível tratar de lesões desde a assepsia até o seu desbridamento, controlando o exsudato e as bactérias, além de estimular o tecido de granulação (Costa; Gamba; Petri, 2016).

Para Costa, Gamba e Petri (2016), esse processo evidenciou que é de grande importância o profissional de saúde compreender sobre a estrutura, função e manutenção de integridade da pele, pois assim, poderão atuar na prevenção e ter uma melhor avaliação do ferimento. Ademais, sabe-se que o cuidado também deve ser realizado e mantido pelos próprios pacientes, uma vez que um grande fator contribuinte para a piora das lesões é a falta de conhecimento acerca de condutas qualificadas, como o mau hábito de higiene e formas alternativas não medicamentosas dos saberes populares e culturais (Chibante *et. al*, 2017).

A enfermagem desempenha um importante papel no que se refere aos cuidados assistenciais em tratamento de feridas. Embora exija uma análise e abordagem multidisciplinar, o enfermeiro é o profissional que está à frente destas situações, garantindo qualidade e integralidade no atendimento. Sua conduta holística compreende além de teorias, estudos científicos e treinamentos, ela abrange a perspectiva biopsicossocial sobre as necessidades e o bem-estar do paciente (Zarchi *et. al*, 2014).

O enfermeiro é o principal responsável pela avaliação, prevenção, elaboração de protocolos, indicação de novas tecnologias e tratamento de pessoas com feridas. Além disso, lhe é atribuído funções como prescrever curativos, registrar a evolução da ferida, supervisionar e coordenar a equipe de enfermagem em suas atribuições perante aos cuidados (Brasil, 2018).

Para que o cuidado seja mais efetivo, o profissional utiliza-se de algumas estratégias a fim de aperfeiçoar sua atuação. Dentre elas, se destaca a importância de manter-se atualizado através da participação de grupos de comissões especializadas, pesquisas científicas, especializações de ensino superior, como mestrado e doutorado, e trocas de experiências profissionais (Cauduro *et. al*, 2018).

Diante do exposto, a pesquisa busca compreender qual o conhecimento e as práticas adotadas pelos enfermeiros em relação às lesões crônicas e seus respectivos tratamentos?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar as facilidades e dificuldades dos enfermeiros na realização da avaliação e tratamento de feridas crônicas.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Analisar o conhecimento e a conduta dos enfermeiros frente aos cuidados com lesões crônicas e seus respectivos tratamentos

3. METODOLOGIA

O estudo configurar-se como uma pesquisa do tipo quantitativa, observacional com delineamento transversal.

O estudo ocorreu em três instituições hospitalares, localizadas em diferentes municípios da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, totalizando uma instituição por município. As instituições da pesquisa foram denominadas por “Hospital A, Hospital B e Hospital C”.

Os sujeitos do estudo foram enfermeiros que trabalham no âmbito hospitalar das instituições escolhidas para a pesquisa, estes, deveriam trabalhar em um dos três hospitais selecionados. Conforme os dados fornecidos pela CNES em março de 2024, a soma dos três estabelecimentos contava com 90 enfermeiros atuantes.

Os participantes do estudo foram selecionados a partir dos critérios de inclusão a seguir: atuar como enfermeiro, ter registro no respectivo conselho profissional, trabalhar em um dos três hospitais selecionados, realizar o procedimento de avaliação de lesões crônicas e tratamento/curativos; e assinar assim o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. E excluídos os participantes que não estavam atuando no momento da coleta de dados da pesquisa ou estavam afastados e/ou licenciado das atividades laborais, ou, negaram-se em participar da pesquisa.

O presente estudo atendeu aos requisitos da Resolução CNS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que delibera acerca de pesquisa envolvendo seres humanos, além de obter parecer de aprovação ao submetido à um Comitê de Ética na Plataforma Brasil sob o número do CAAE: 82348424.6.0000.5353.

Os dados foram coletados entre os meses de setembro e outubro de 2024, onde foi utilizado um formulário eletrônico Google Forms®, que foram encaminhados aos enfermeiros através links em grupos de conversas instantâneas, contendo perguntas abertas e fechadas sobre a temática.

Os resultados foram analisados com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 25.0. As prevalências foram descritas sob a forma de proporções com respectivos intervalos de confiança (IC) de 95%. As variáveis contínuas foram descritas através de médias e desvios-padrão ou medianas e intervalos interquartis. As diferenças entre os grupos qui-quadrado para variáveis categóricas. Para avaliar as correlações foi utilizada a correlação de Pearson. Em todas as comparações, foi considerado um nível de significância de 5%.

4. RESULTADOS

O estudo foi estruturado em quatro eixos principais: Eixo 01 - Perfil dos profissionais participantes; Eixo 02 - Conhecimento dos profissionais acerca das lesões crônicas; Eixo 03 - Conhecimento dos profissionais acerca do tratamento de lesões crônicas; Eixo 04 - Conhecimento prático dos profissionais acerca do tratamento de lesões crônicas.

O estudo inicialmente previa a participação de 90 enfermeiros, contudo, obteve-se a adesão de 37 profissionais, sendo 23 dos hospitais A I e A II, 6 do hospital B e 8 do hospital C. Diversas tentativas foram realizadas para incentivar a participação dos enfermeiros, mas muitos demonstraram resistência em responder ao questionário.

Eixo 01 – Perfil dos participantes

Tabela 01: Perfil dos participantes da pesquisa:

Variável	n	%
Sexo		
Feminino	30	81,1%
Masculino	7	18,9%
Idade		
De 23 a 28 anos	11	29,73%
De 29 a 34 anos	13	35,13%
De 35 a 40 anos	2	5,41%
De 41 a 47 anos	11	29,73%
Estado civil		
Solteiro	19	51,4%
Casado/união estável	14	37,8%
Separado/divorciado	3	8,1%
Viúvo	1	2,7%
Filhos		
Não possui filhos	18	48,6%
Um filho	7	18,9%
Dois filhos	11	29,7%
Mais de dois filhos	1	2,7%
Grau de instrução		
Nível superior completo	19	51,4%
Pós-graduação lato sensu	18	48,6%
Área de atuação		
Unidades clínicas de internação (Unidades abertas)	16	43,2%
UTI (adulto/infantil)	4	10,8%
Gestão/administração/coordenação	4	10,8%
Saúde mental	3	8,1%
Urgência e emergência/SAMU	3	8,1%
Bloco cirúrgico/pós cirúrgico	2	5,4%
Hemodiálise	2	5,4%
Cuidados prolongados	2	5,4%
Oncologia	1	2,7%
Tempo de serviço		
De 1 a 10 anos	20	54,06%
De 11 a 20 anos	15	40,54%
De 21 a 30 anos	2	5,40%

Maneira de buscar o conhecimento*	
Diálogo com outros profissionais	28
Leitura de artigos	17
Pela indústria farmacêutica	4
Cursos profissionalizantes	19
Treinamentos hospitalares	25

*Esse questionamento admitiu-se mais de uma resposta.

A idade dos participantes da pesquisa apresentou-se com média de 33,6 anos de idade, com desvio padrão de $\pm 7,2$.

Eixo 02: Conhecimento dos profissionais acerca das lesões crônicas

Quando questionados sobre a existência de protocolos para o gerenciamento e avaliação de lesões crônicas, observou-se uma variação entre os hospitais.

Protocolo	Existe	Não existe	Não sabe
Hospital A	19	3	1
Hospital B	1	5	0
Hospital C	3	2	3

Ao serem questionados sobre a existência de educação continuada para a interpretação e avaliação de lesões crônicas no local de trabalho, as respostas variaram entre os hospitais.

Educação continuada	Existe	Não existe	Não sabe
Hospital A	18	3	2
Hospital B	2	4	0
Hospital C	4	1	3

Em relação à capacitação ou realização de cursos sobre avaliação de lesões crônicas, obtiveram-se os seguintes resultados:

Enfermeiros	n	%
Realizam	28	75,67%
Não realizam	9	24,33%

O levantamento sobre a frequência com que o tema da avaliação de feridas é debatido no ambiente profissional gerou os seguintes resultados.

Enfermeiros	n	%
--------------------	----------	----------

Debaterem	26	70,27%
Não debaterem	11	29,73%

Dos enfermeiros entrevistados, 33 relataram já terem enfrentado situações em que não souberam como avaliar uma lesão, enquanto 4 afirmaram nunca ter passado por essa dificuldade. Destes participantes, 32 confirmaram que já realizaram a avaliação de uma lesão crônica, enquanto 5 indicaram não possuir essa experiência.

Em relação ao uso de ferramentas para avaliação, 29 enfermeiros relataram não as utilizar, e apenas 8 afirmaram fazer uso de recursos específicos. Entre as ferramentas mencionadas, destacam-se o Manual da Compele, escalas de Braden e RYB, uso de régua para mensuração do tamanho da lesão, registros para acompanhamento, protocolos institucionais, manuais do Ministério da Saúde ou da Coloplast, fotografias e inspeções visuais detalhadas.

Quando questionados sobre qual profissional era responsável pela avaliação das lesões crônicas, obteve-se os seguintes resultados.

Profissional responsável	n	%
Técnico de enfermagem	1	2,70%
Enfermeiro	30	81,09%
Médico	6	16,21%

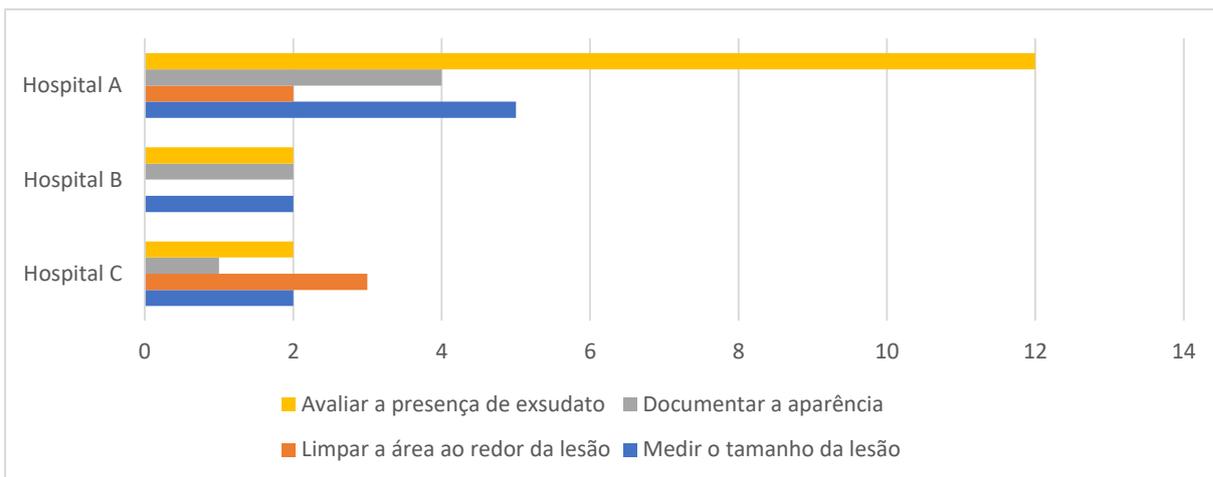
Ao serem questionados sobre o monitoramento do quantitativo de lesões pelo hospital, 30 profissionais afirmaram que há monitoramento, 5 indicaram que não ocorre, e 2 relataram desconhecimento sobre o monitoramento

Sobre a disponibilidade de materiais necessários para a avaliação das lesões, chegou-se aos seguintes resultados.

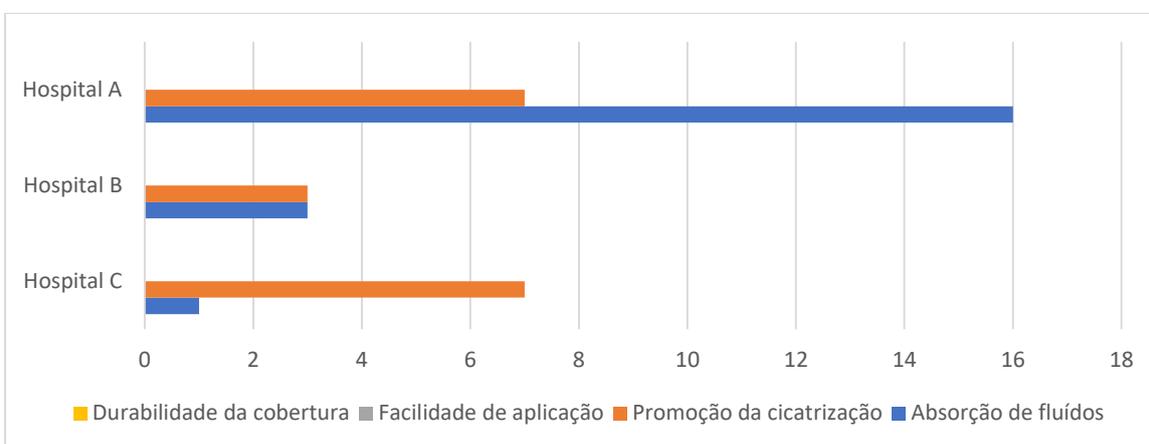
Hospital	Dispõe	Não dispõe	Não sabem
Hospital A	23	0	0
Hospital B	2	4	0
Hospital C	5	1	2
Total	30 (81,08%)	5 (13,51%)	2 (5,41%)

Eixo 4 – Conhecimento prático dos profissionais acerca do tratamento de lesões crônicas

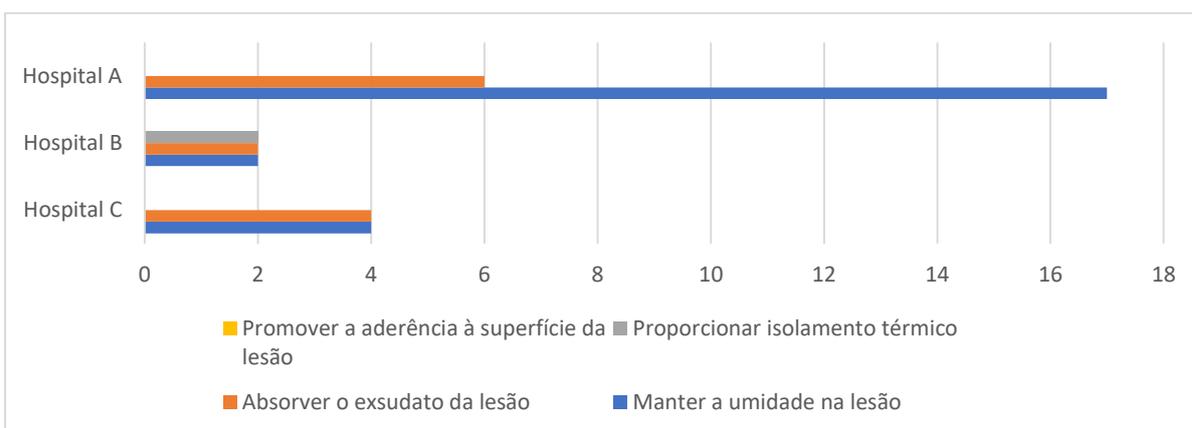
Quando questionados sobre o primeiro passo a ser realizado mediante uma lesão cutânea, estes foram os resultados encontrados.



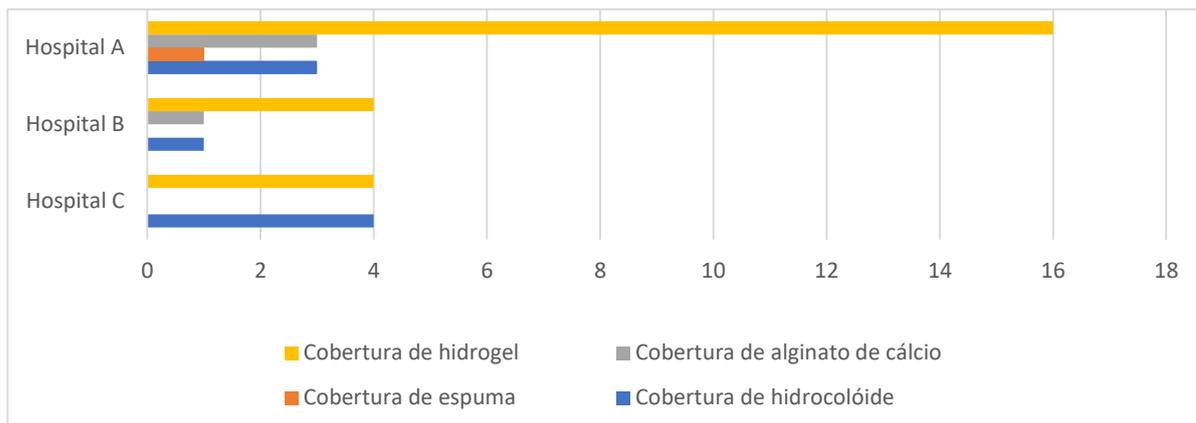
Sobre o fator mais importante ao escolher uma cobertura para uma lesão exsudativa, as respostas obtidas foram as seguintes.



Ao serem questionados sobre a principal função da cobertura de hidrogel, obteve-se este percentual de resposta.

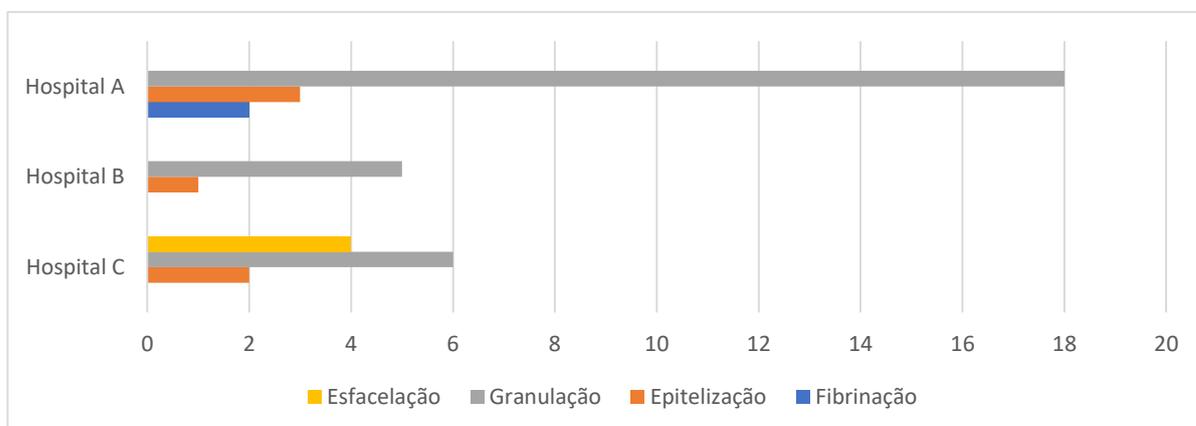


Sobre a preferência de escolha de uma cobertura que seria utilizada em uma lesão com necrose, a preferência escolhida pelos enfermeiros foram as seguintes.



Diante de um caso clínico envolvendo uma lesão com tecido necrótico que necessitava de desbridamento autolítico, os 37 enfermeiros entrevistados selecionaram unanimemente a opção "Hidrogel" como a cobertura mais indicada. As alternativas "Ácidos graxos essenciais", "Espuma de Poliuretano" e "Filme Transparente" não foram escolhidas por nenhum dos participantes.

Ao serem questionados sobre qual o nome do tecido que apresenta aspecto vermelho-vivo, brilhante, úmido e com a presença de pequenos novos vasos sanguíneos, obtivemos esse resultado.



5. DISCUSSÃO

Conforme os dados apresentados, o questionário foi aplicado a um total de 37 enfermeiros provenientes dos hospitais AI, AII, B e C, sendo eles 30 mulheres e 7 homens, prevalecendo o público feminino em 81,1%. De acordo com a publicação realizada pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) em conjunto com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), num recorte de 414.712 enfermeiros registrados na respectiva categoria profissional, 86,2% são caracterizados pelo gênero feminino (FIOCRUZ/COFEN, 2013). Em

outro estudo realizado pelo COFEN (2010), no Rio Grande do Sul haviam 111.357 enfermeiros, onde 87,54% eram mulheres, caracterizando-se assim, uma predominância feminina nesta área de atuação.

Quanto ao grau de instrução, 19 entrevistados (51,4%) atuam apenas com o ensino superior completo enquanto 18 (48,6%) realizaram uma pós graduação lato sensu, e, não há participantes que possuam mestrado ou doutorado. Na pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem no Brasil (FIOCRUZ; COFEN, 2013), observa-se que a maioria profissionais possuem uma pós graduação.

Tabela 2.7a
Enfermeiros segundo realização de Pós-Graduação - Brasil

Pós-graduação	V.Abs.	%
Sim	332.028	80,1
Não	67.201	16,2
NR	15.483	3,7
Total	414.712	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Estudos retratam que devido ao desalinhamento das instituições trabalhistas e programas de estudos, torna-se desmotivador continuar em meio acadêmico. Conciliar os estudos e trabalhar concomitantemente gera esgotamento físico, além de limitar o tempo para a dedicação acadêmica (Santos *et. al*, 2020). Essa disparidade pode ser justificada pelas dificuldades presenciadas por cada indivíduo, ou seja, a sobreposição das responsabilidades e da conciliação de trabalho e ensino podem variar dependendo das condições de trabalho, como carga horária, precariedade e intensidade das atividades realizadas. Essas dificuldades também podem estar ligadas as tarefas do ambiente familiar, como por exemplo, o cuidado com os filhos, pessoas idosas ou enfermas (Abramo; Venturi; Corrochano, 2021).

Apesar do crescente aumento da participação feminina no mercado de trabalho, as responsabilidades relacionadas aos afazeres domésticos e às demandas familiares ainda representam barreiras significativas para seu pleno engajamento profissional. Em contraste, os homens tendem a sentir menos o impacto dessa dupla jornada, uma vez que, em geral, não assumem tais responsabilidades na mesma proporção que as mulheres. Essa desigualdade contribui para uma sobrecarga feminina, que, em muitos casos, optam por interromper a continuidade de seus estudos (Rodrigues; Morais, 2021).

Em relação ao tempo de serviço dos entrevistados, este variou de 1 a 23 anos. Observou-se que 8 participantes possuem apenas 1 ano de experiência, enquanto a maior concentração de profissionais está entre 11 e 20 anos de serviço, totalizando 15 participantes. Essa distribuição

temporal fornece informações relevantes sobre a experiência acumulada dos enfermeiros envolvidos na pesquisa. Conforme demonstrado na tabela 5.2 a seguir, observa-se que a maior proporção de profissionais, considerando o tempo de serviço, está no intervalo entre 11 e 20 anos (25,1%).

Tabela 5.2a
Enfermeiros por tempo de trabalho na área de enfermagem - Brasil

Tempo em que trabalha	V.Abs.	%
Menos de 02 anos	28.249	6,8
02 - 05 anos	86.856	20,9
06 - 10 anos	89.341	21,5
11 - 20 anos	103.917	25,1
21 - 30 anos	55.533	13,4
31 - 40 anos	15.899	3,8
41 - 45 anos	1.276	0,3
Mais de 45 anos	669	0,2
NR	32.972	8,0
Total	414.712	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil - 2013. FIOCRUZ/COFEN.

Correlacionando inversamente o tempo de serviço e a capacitação ou realização de algum curso sobre avaliação de lesões crônicas e seus respectivos tratamentos, obtemos $r = -0,426$, sendo a correlação quanto mais perto de 1 for o r , mais forte ela será. Ou seja, quanto menor o tempo de serviço maior a possibilidade de a pessoa fazer capacitação.

Quando questionados sobre a maneira que utilizavam para buscar conhecimento, os resultados indicaram que 28 profissionais recorrem ao diálogo com outros profissionais, 17 buscam informações por meio de leitura de artigos científicos, 4 utilizam conhecimentos fornecidos pela indústria farmacêutica, 19 participam de cursos profissionalizantes e 25 participam de treinamentos hospitalares. Em seu estudo, Paula *et. al* (2019) traz evidências de que a variável destaque é a atualização e o conhecimento geral no tratamento de feridas. Foram

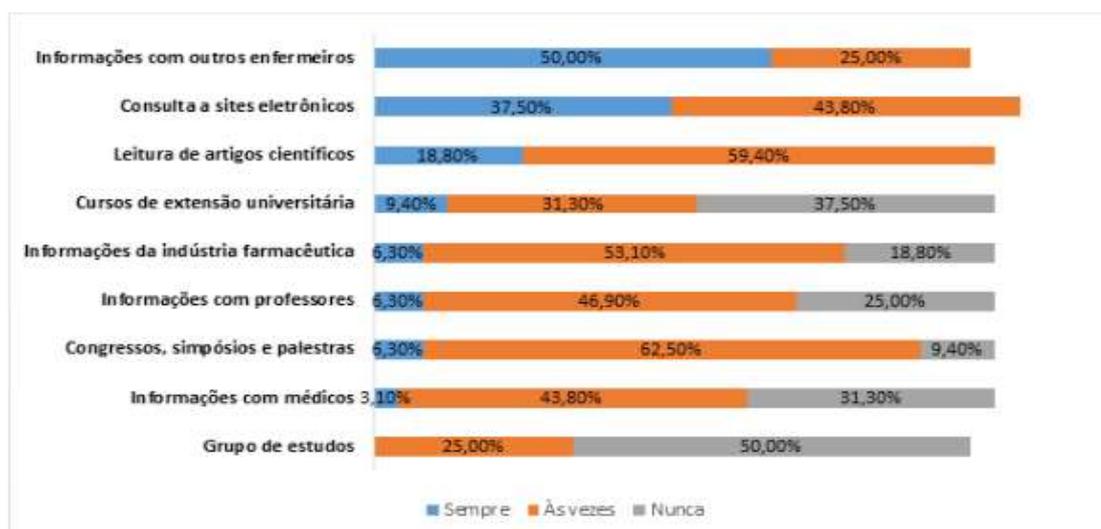


Figura 1: Formas de atualização dos entrevistados, com distribuição dos % de repostas.

entrevistados 32 enfermeiros, estes, relataram que buscam por atualizações mais informais devido a praticidade para sanar suas dúvidas, como mostra a tabela a seguir.

Fonte: O conhecimento dos enfermeiros assistenciais no tratamento de feridas – 2019. Paula *et, al.*

Ao serem questionados sobre a existência de educação continuada para a interpretação e avaliação de lesões crônicas no local de trabalho, 24 participantes (64,86%) relataram a presença de educação continuada, 8 indicaram (21,62%) sua ausência e 5 (13,52%) desconheciam sua existência. Já na educação continuada para o tratamento de lesões crônicas, 24 participantes confirmaram a presença de educação continuada, 8 relataram sua ausência e 5 desconheciam essa informação. Pode-se observar que em ambas as perguntas, obtiveram-se os mesmos resultados. Em uma pesquisa realizada com 100 enfermeiros no Hospital de Apoio ao Ensino no município de São Paulo, 91% dos entrevistados já participaram de atividades de educação continuada e 74% participaram mais de uma vez (Silva; Seiffert, 2009).

Quando abordados sobre a existência de protocolos hospitalares relacionados ao tema, apenas 23 enfermeiros (62,16%) reconheceram que em sua instituição havia este documento. Em estudo realizado com 43 enfermeiros, também questionadas sobre os protocolos de avaliação de lesão crônica, 16 (59,26%) relataram que utilizam o protocolo para avaliação de lesões (De Moura *et. al*, 2021). Nesta pesquisa, também é evidenciado que, quando implementado um protocolo ou manual de avaliação de lesões, existe uma maior probabilidade de um atendimento ocorrer de forma efetiva e de qualidade, além de proporcionar ao profissional confiança e apoio científico para embasar suas decisões. Porém, é necessário que estes documentos sejam revistos e atualizados constantemente, uma vez que a ciência está em constante evolução e progresso (Costa *et. al*, 2014).

Entre os enfermeiros entrevistados, 33 relataram já ter enfrentado situações em que não souberam avaliar uma lesão, enquanto 4 afirmaram nunca ter passado por essa dificuldade. Além disso, 33 profissionais mencionaram já ter enfrentado situações em que não souberam prescrever um tratamento adequado para uma lesão, enquanto 4 relataram nunca ter vivenciado esse tipo de dificuldade. Moraes, Oliveira e Soares (2008), em sua pesquisa realizada com 14 enfermeiras de hospitais de rede pública, retratam que essas profissionais sentem dificuldade em avaliar as lesões, e, essa dificuldade está atrelada com a falta de experiência, conhecimento e treinamento, embora vivenciam este cuidado no cotidiano.

Em relação ao uso de ferramentas para avaliação, 29 enfermeiros relataram não as utilizar, e apenas 8 afirmaram fazer uso de recursos específicos. Entre as ferramentas mencionadas, destacam-se o manual da instituição, escalas de Braden e RYB, uso de régua para

mensuração do tamanho da lesão, registros para acompanhamento, protocolos institucionais, manuais do Ministério da Saúde ou da Coloplast, fotografias e inspeções visuais detalhadas. Entretanto, quando abordados sobre a disponibilidade de materiais necessários para realizar a avaliação, 30 profissionais acreditam que havia, 5 afirmaram que não, e 2 desconheciam essa informação. Moraes, Oliveira e Soares (2008) também questionaram as participantes sobre as ferramentas e sua disponibilidade no ambiente hospitalar, obtendo como respostas o uso de soro fisiológico, seringa de insulina, swabs e fotografias, e, a falta de recursos específicos, como materiais para verificar a extensão e profundidade de uma ferida, utilizando exclusivamente a observação. Portanto, pode-se compreender que a qualidade da assistência prestada será proporcional as condições de trabalho ofertadas ao profissional, isso, desconsiderando seu conhecimento.

No Eixo 04 da pesquisa, verificou-se que os resultados apresentaram índices de acerto variando entre 43,24% e 100%, ou seja, uma média de 66,21%, demonstrando um nível de conhecimento prático considerado regular. Em uma pesquisa realizada com 102 enfermeiros de um hospital público estadual de grande porte localizado na cidade do Rio de Janeiro, teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento desses profissionais sobre a prevenção, avaliação e classificação de lesão por pressão, utilizando o instrumento validado denominado "PUKT" (Pressure Ulcer Knowledge Test). O estudo revelou que 70% dos participantes acertaram menos de 70% das questões, evidenciando um déficit significativo de conhecimento na área avaliada (Adriani *et. al*, 2019).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo demonstram que, embora os enfermeiros possuam um conhecimento considerado regular sobre avaliação e tratamento de lesões crônicas, ainda existem lacunas significativas que podem impactar a qualidade do cuidado prestado. A ausência de protocolos bem definidos, a insuficiência de ferramentas específicas e a falta de atualização contínua são fatores que limitam a atuação prática desses profissionais. Além disso, a discrepância na disponibilidade de recursos entre as instituições evidencia desigualdades estruturais que precisam ser abordadas.

Para melhorar a assistência aos pacientes, recomenda-se o fortalecimento de programas de educação continuada, a implementação de protocolos institucionais atualizados e o incentivo ao uso de ferramentas específicas para avaliação e tratamento de feridas. A troca de experiências e a colaboração entre os profissionais também devem ser estimuladas como estratégias de aprendizado e melhoria da prática clínica. Assim, será possível promover um

cuidado mais eficiente e embasado, assegurando a segurança e o bem-estar dos pacientes com lesões crônicas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 523-542, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/HffJZGdxz6Z36cqybFwQ5nH/>. Acesso em: 24 de nov. 2024
- ADRIANI, Paula Arquioli et al. Aplicação do pressure ulcer knowledge test em enfermeiros de um hospital de atenção secundária—estudo transversal. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 87, n. 25, 2019. Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/download/480/429>. Acesso em: 20 de nov. 2024.
- BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 567, de 29 de janeiro de 2018. **Regulamenta a atuação da equipe de enfermagem no cuidado aos pacientes com feridas**. Brasília, DF; 7 fev. 2018. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofенno-567-2018/>. Acesso em: 2 de dez. de 2023.
- CANDIDO, L. C. **Nova abordagem no tratamento de feridas**. 1.ed. São Paulo: SENAC, 2001.
- CAUDURO, F. P. et al. Atuação dos enfermeiros no cuidado das lesões de pele. **Revista de enfermagem UFPE on line**, Porto Alegre, v. 12, n. 10, p. 2628-2634, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236356/30158>. Acesso em: 2 de dez. de 2023.
- CHIBANTE, C. L. DE P. et al. Knowledge and practices in care focused on individuals with wounds. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 2, p. 2628-2634, dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/dfnLmbkDWth7sV5gBzjcYgq/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 30 de nov. de 2023.
- Conselho Federal de Enfermagem. **Comissão de Business Intelligence Produto 2: Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf>. Acesso em: 22 de nov. de 2024.
- COSTA, Mariana Takahashi F; GAMBÁ, Mônica A.; PETRI, Valéria. **Feridas - Prevenção, Causas e Tratamento**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan Ltda., 2016.
- COSTA, Roberta Kaliny de Souza et al. Validade de instrumentos sobre o cuidado de enfermagem à pessoa com lesão cutânea. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 27, p. 447-457, 2014. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/njWCmNQLKYrwD3QGJgjmp5f/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024
- DECLAIR, V.; PINHEIRO, S. Novas considerações no tratamento de feridas. **Rev. paul. Enferm**, São Paulo, v.12, n.1, p. 25–38, jan./dez. 1998. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-243344>. Acesso em: 21 de out. 2023
- DE MOURA, Vanessa Leal de Lima et al. Conhecimento dos enfermeiros sobre o protocolo de lesão por pressão em hospital privado e acreditado. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 95, n. 36, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/06/1373080/katiasimoes20181231-textodoartigo-pt.pdf>. Acesso em: 24 de nov. 2024
- MANDELBAUM, S. H.; DI SANTIS, É. P.; MANDELBAUM, M. H. S. Cicatrização: conceitos atuais e recursos auxiliares - Parte II. **Anais brasileiros de dermatologia**, Rio de Janeiro, v.5, n.78, p. 525– 540, set. 2003. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/6ffd/9695243f69ac7c653e7265f576f62bf831ad.pdf>. Acesso em: 30 de nov. 2023.
- MORAIS, Gleicyanne Ferreira da Cruz; OLIVEIRA, Simone Helena dos Santos; SOARES, Maria Julia Guimarães Oliveira. Avaliação de feridas pelos enfermeiros de instituições hospitalares da rede pública. **Texto**

& Contexto-Enfermagem, v. 17, p. 98-105, 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/vpfJ5vXCGSqxQ5yv6pr8NDt/>. Acesso em: 24 de nov. 2024

PAULA, V. A. A. DE et al. O conhecimento dos enfermeiros assistenciais no tratamento de feridas. **HU Revista**, Juiz de Fora, v.45, n.3, p.295-303, nov. 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/28666/19830>. Acesso em: 06/12/2023

PERFIL DA ENFERMAGEM NO BRASIL. COFEN. Brasil, maio de 2013. Disponível em

<https://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem>. Acesso em: 22 de nov. de 2024.

RODRIGUES, Jaqueline Sobreira; DE MORAIS, Normanda Araujo. Interação família-trabalho: um estudo sobre maternidade na pós-graduação. **Revista da SPAGESP**, v. 22, n. 2, p. 147-167, 2021. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200012 Acesso em: 20 de nov. 2024.

Santos, J.E.R.; Lucio, L.G.; Rosa, A.P.T.; Silva, E.M.; Silva, D.A.; Estudar e trabalhar: motivações e dificuldades de graduandos de Enfermagem. **Revista Nursing**, São Paulo, n.23, p.3677-3682, 2020. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/659/646>. Acesso em: 20 de nov. 2024.

SILVA, Gizelda Monteiro da; SEIFFERT, Otília Maria LB. Educação continuada em enfermagem: uma proposta metodológica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, p. 362-366, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/JzZfqNYkdhL5RLt6bvr3sBm/#>. Acesso em: 24 de nov. 2024

ZARCHI, K. et al. Significant Differences in Nurses' Knowledge of Basic Wound Management – Implications for Treatment. **Acta Dermato Venereologica**, Dinamarca, v. 94, n. 4, p. 403–407, jul. 2014. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24352474>. Acesso em: 21 de out. 2023